

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XIX

Semanário regionalista

N.º 609

Composto e impresso na Tipografia Figueirense
FIGUEIRO DOS VINHOS

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração—Rua Major Neutel de Abreu
FIGUEIRO DOS VINHOS

Chefe do Estado

Completaram-se a 15 de Abril, 16 anos sobre a posse do Senhor General Carmona para a mais alta magistratura nacional.

Todos os portugueses, unânime- mente, com o devido respeito, ce- lebraram tão significativo aconteci- mento—que atesta a estabilidade da nossa vida política e chama à re- cordação da nossa memória todo o cam- inho andado pela Revolução Na- cional.

Não é já só uma Pátria nova, um novo conceito de Império, o renas- cimento de extintas energias, mas a possibilidade da obra de Salazar — que a presença do Senhor Ge- neral Carmona na Chefia do Esta- do representa. Ela contém em si o maior exemplo de dignidade, de sacrifício pela Pátria, do cumpri- mento do dever. Liga o Passado do sacrifício pela Pátria, do cum- primento do dever. Liga o Passa- do ao Presente, reatando aquela cadeia de elos que faz de Portugal uma unidade histórica independente — projectando-a no futuro com uma luminosidade cada vez mais resplandecente.

Pesca

Chamamos atenção dos srs. guar- da-rios para a forma como se está apanhando o peixe nesta região.

Como sabem a pesca não é per- mitida, por enquanto, senão à truta e por meio de linha.

Ora, sucede, que pescam na Ri- beira de Alge e no Zêzere a boga, nesta ocasião, em que desova, em que é proibida a pesca a esta es- pécie.

Este crime, que todos os anos se pratica, urge que seja reprimido e para tal chamamos a atenção dos srs. guarda-rios.

Julgamento

Em Tribunal Colectivo presidido pelo Meretíssimo Juiz da nossa Co- marca sr. dr. Themudo Machado respondeu na passada quinta-feira, pelo crime de ofensas corporais, Manuel Simões Dias, tendo sido condenado em 18 meses de prisão, mil escudos de imposto de justiça e outro tanto de indemnização ao ofendido.

Manifesto

Nos termos do decreto n.º 26.408, o manifesto de sementeira de milho de sequeiro e regadio, feijão e plan- tação de batata de regadio, deverá ser feito pelos agricultores desde 1 de Abril até 30 de Junho.

Os impressos próprios para as declarações deste manifesto, custam \$30 e são distribuídos nas regedo- rias.

Função Social da Economia

«A riqueza, os bens, a produção não constituem em si próprios fim a atingir; têm de realizar o interês- se colectivo; nada significam se não estão condicionados à conservação e elevação da vida humana.»
SALAZAR

“ 27 de Abril ”

Passam este mês duas datas que nenhum português pode esquecer, ou, antes, que todo o português, digno deste nome, deve celebrar agradecidamente, ao menos em seu coração.

Uma é o dia 27, dia em que Salazar faz dezasseis anos que foi nomeado Ministro das Finanças; a outra é o dia 28, dia do natalício de Salazar.

A segunda, a nosso ver se integra na primeira, e, em razão da primeira, a devemos celebrar deste modo: — pedindo a Deus que por muitos anos mais conserve a preciosa vida de Salazar, vida preciosa e tão necessária ainda ao nosso engrandecimento colectivo. Não há nisto egoísmo nenhum; e, que o hou- vera, tão só o justificava o bem da Pátria — o mesmo bem ao qual Salazar tem dado toda a sua actividade, todo o seu saber, todo o seu amor de patriota, bem como todo o repouso a que há muito conquistou sobrado direito.

Integra-se, pois, esta data na primeira, e em razão da primeira a devemos celebrar, pois que a primeira significa para nós, para Portu- gal, para a mesma Revolução, o princípio de tudo que em verdade chamamos o nosso en- grandecimento. Sem ordem e solidez nas Fi- nanças, já sabemos, e por experiência, que nenhuma realização material era possível; e hoje temos, não uma só, senão muitas, diga- mos que uma aluvião delas, em todo o País: — realizações de estradas e portos, de rédes tele- fónicas e telegráficas, de escolas, de quantas e quantas coisas mais que não tínhamos, e nunca sonhámos ter.

Tudo isto começou, quando Salazar, to- mando em seus ombros, a 28 de Abril de 1928, a direcção, o governo do Ministério das Finanças, deu princípio ao saneamento delas — pois o que desde logo dominava a sua obra financeira, não era o equilíbrio por causa do equilíbrio, mas o equilíbrio por causa da Na- ção, ou seja do seu engrandecimento material, e ainda moral.

E como sempre foi certo que a honestida- de em Finanças gera e funda a confiança, o crédito, assim também na obra financeira de Salazar teve princípio a consideração, o pres- tigio que em todo o Mundo gozamos. Uma razão mais para se ver, como se vê, que toda a obra da Revolução Nacional havia de come- çar pela obra financeira — e que a obra financeira, continuada com a mesma ordem e método, e a mesma vigilância escrupulosa, é que alimenta a obra da Revolução Nacional, e a faz progredir podemos dizer que em tudo não só no que toca ao nosso engrandecimento, como, nestas horas difíceis, à defesa da nossa economia. Todos os sacrifícios que a Nação faz, ou haja de fazer, para que nunca se ve- zham a desequilibrar as Finanças, estão bem pagos com a renovação, que não conhecíamos; com o progresso, que não cuidávamos; com o podermos considerar o futuro, sem o recear- mos.

Celebremos, portanto, o dia 27, e o dia 28, com o agradecimento do nosso coração de portugueses.

A. da F.

Dr. José Mendonça Caleiras

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários, em seu ofício de 8 de Abril, nomeou sub-delegado da mesma Junta, no concelho de Fi- gueiró dos Vinhos, o médico veté- rinário sr. dr. José de Mendonça Caleiras, que à mesma Junta tem prestado optimos serviços.

«A Regeneração», apresenta os cumprimentos de boas-vindas ao sr. dr. José de Mendonça Caleiras, com os sinceros votos de prosperidades e estabilidade nesta vila.

Diario Popular

Com a devida vénia e por ser um assunto de transcendente inte- résse, em outro lugar transcreev- mos do nosso colega *Diario Popu- lar*, de 3 do corrente mês, o seu artigo *Artes gráficas, índice de cultura*

Hora oficial

Em conformidade com as ordens oficiais, hoje pelas 23 horas, os re- lógios serão adelantados, uma hora.

Há uns tempos para cá, temos notado uma grande falta de trócos a que não podemos dar explicação razoável, senão por intuitos malé- vos e especulação, visto que as moedas de 10\$00 se sumiram da circulação e as moedas de pequenas fracções de \$20, \$10 e \$05 que ainda se encontravam, tendem a desaparecer.

Senhora do Pranto

Como havíamos noticiado, reali- zou-se no passado domingo, 16, a festa de nossa Senhora do Pranto em Vilas de Pedro, que apesar do tempo chuvoso se realizou com a tradicional pompa.

O reverendo arcepreste de Fi- gueiró dos Vinhos, Padre António Inglez proferiu um alusivo e elo- quente sermão, e a Banda Munic- pal de Figueiró dos Vinhos que abrilhantou a festa, executou du- rante a procissão esplendidos nú- meros de música sacra.

Horizontes da Situação Económica

«Ninguém mais do que eu dese- ja e pretende a expansão do capi- tal, do crédito e do trabalho, a di- minuição das taxas de juro, a me- lhoria geral das condições das classes, o enriquecimento nacional. Mas os grandes problemas de que toda essa melhoria depende não podiam ser atacados nem bem re- solvidos sem haver previamente no Orçamento e na Tesouraria aquê- le mínimo de ordem e solidez neces- sário à confiança geral.»

SALAZAR

Este jornal foi visado pe- la Comissão de Censura

Um notável documentário gráfico, artístico, histórico sobre Coimbra

Revista «Turismo» acaba de pu- blicar um Número Especial, de 240 páginas dedicado ao Distrito de Coimbra, que é o mais completo documentário que se tem publicado sobre a formosa cidade do Monde- go e a região.

Impresso em optimo papel, con- tendo centenas de belas gravuras de paisagens e monumen- tos, inserindo valiosa colaboração de ilustres professores da Universi- dade, de escritores e artistas, apre- sentando a capa e hors-textes a cores, pelo seu apuro gráfico e re- cheio literário e artístico, este Nú- mero bem pode considerar-se uma das melhores publicações deste gé- nero saídas de prelos portugueses. Entre a valiosa colaboração deve- mos destacar as muitas páginas evocativas, da vida romântica e bcémia coimbrã, das tradições aca- démicas, dos poetas e cantores que por ali passaram, das reuniões de cursos etc. De certo, este Número Especial é um excelente inventário de todos os aspectos mais interes-

1.º de Maio

Como costume dos anos ante- riores a Casa do Povo de Figuei- ró dos Vinhos, celebrará este dia, com uma alvorada às 7 horas, pela Banda Municipal; às 10 ho- ras Missa e às 11 horas roma- gem ao cemitério; com a com- parência da *Banda Municipal*.

santes do Distrito de Coimbra da actividade municipal, comercial, in- dustrial e agrícola de todos os seus concelhos, nada se tendo publicado, até hoje, tão completo, sobre esta região.

O Director da Revista, sr. An- tónio Pardal, e o seu Chefe da Redacção o escritor e jornalista sr. Julião Quintinha, organizaram uma publicação do maior interêsse para Coimbra e que honra as artes grá- ficas nacionais.

O Número de 240 páginas, cus- ta 30 Escudos e encontra-se à ven- da nas principais tabacarias e li- vrarias do país.

Os pedidos devem ser dirigidos à sede da «Revista de Turismo» — Rua do Loreto, 4-2.º — Lisboa.

Um lugar ao Sol

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho mantém na Mata da Caparica, e cada ano com maior frequência de bene- ficiários, a colónia de férias «Um Lugar ao Sol»

Este ano, com a construção de mais seis pavilhões, 4.000 traba- lhadores vão gosar ali o mereci- do repouso. A colónia ficará, para isso, com o maior refeitó- rio do País.

Emprezas patronais e organis- mos corporativos sentem assim os benefícios que a F. N. A. T. proporciona aos seus servidores. A ética corporativa, valorizada por obras deste vulto, a favor dos trabalhadores, dá agora passos seguros no sentido de um Portu- gal cada vez melhor. E a nova construção de Pavilhões, já pla- neada, fará da colónia «Um Lu- gar ao Sol» uma verdadeira ci- dade de férias, para os traba- lhadores portugueses — alto ob- jectivo da política social da «alegria no trabalho».

VANDALISMO

Grémio da Lavoura

Notas Soltas Actualidades

O culto da árvore é, como o das belas-artistas, um índice seguro de elevação espiritual e intelectual.

Caminha a par com a luta contra o analfabetismo. Marca o progresso do homem civilizado.

O afan e carinho com que são dispostas e tratadas nos centros urbanos dá-nos a medida do bom gosto e carácter dos seus habitantes.

A árvore, na verdade, tem transformado largos, avenidas e jardins agrestes em locais aprazíveis e encantadores.

O caprichoso desenho dos seus troncos e ramadas nuas, a forma da folhagem vigorosa, a alegria das suas flores, a frescura da sombra nos dias calmosas, a delícia do seu perfume, o carinho dos seus frutos inspiram o amor e o culto que a humanidade, dia a dia, mais fervorosamente lhes tributa.

Figueiró dos Vinhos, a nossa linda e querida terra, conduzida pelo bom senso de quem, no momento que passa, preside aos seus destinos, soube integrar-se na onda de civilização que tem deixado marcada a sua passagem com criações de beleza e conforto.

A reconstrução e embelesamento de edifícios, os jardins e a arborização de avenidas deram novo encanto à nossa vila, transformando-a numa das mais belas e acolhedoras do nosso país.

A estrada agreste que vem do poente, era já, graças às formosas árvores que a ladeavam, uma linda avenida que dava a primeira impressão de beleza, carinho e encanto ao visitante e era, também, o passeio favorito dos figueiroenses às horas crepusculares.

Em 1911, quando os seus vinhedos há «velhas tinhosas» também nesta terra surgiu um vândalo que a golpes de arvorecida ferro de resineiro, degolou muitas dessas lindas árvores condenando-as à morte

trêco, talvez, de um litro de vinho.

Embora não seja apeteçível a função de juiz, desejariamos ser os julgadores do selvagem que praticou o repugnante crime. Não o sentenciariamos como, em casos identicos, tem acontecido a que o homuncule visse destrogadas as árvores dos seus prédios, únicas que respeita no seu desprezível egoismo de tarado, pois que tal condenação revestiria o carácter de niveladora reivindicada. Condenariamos o miserável a permanecer junto das árvores (sem ser a elas amarrado como talvez merecesse) por forma a não poder tapar os ouvidos aos causticantes comentários que fossem fazendo os seus conterrâneos que passassem.

Tal sentença alcançaria um duplo objectivo: elitaria os nossos conterrâneos da mancha que sobre eles, foi lançada, pois que se ficaria sabendo como todos indignadamente repudiavam o selvagem.

Convenceria o vândalo (por mais obtuso e embotado que fosse) a reconhecer que o seu gesto o conduzia à primitiva caverna que já jamais devia ter abandonado e o integrou na orda de selvagens a que nunca devia ter deixado de pertencer.

O bruto seria, assim, levado a abandonar o convívio do homem civilizado e, lá na selva, já jamais poderia utilizar os braços para degolar árvores, pois que estes regressariam à sua primitiva função de membros locomotores ou, mais propriamente, de patas de anteiras.

...e ordenariamos, também, que fossem plantadas mais árvores para que, com a acção do tempo, se desmantelasse aquele ignominioso paredão levantado por um selvagem à entrada da nossa querida e encantadora vila que se julga com direito a que todos a respeitem e não a considerem como terra de selvagens.

Aluguer do Pinhal

Para os devidos efeitos se comunica aos interessados que por despacho de Sua Excelencia o Sub-Secretário do Estado do Comércio e Indústria, de 13 de Janeiro do corrente ano, foram acrescentados ao art. 14.º do Regulamento de regime de obtenção de resina e de trabalho do pinhal os seguintes paragrafos:

§ 1.º—Do contrato de aluguer de pinhal deve ser passada uma declaração em triplicado a preencher pelo industrial, seu comissário, empreiteiro ou qualquer outro profissional de resinagem devidamente inscrito.

§ 2.º—O original desta declaração será entregue ao proprietário no acto da assinatura. Os outros exemplares serão obrigatoriamente submetidos pelo industrial ou por quem o representante, no prazo de 15 dias a partir do respectivo preenchimento, ao visto do competente Grémio de Lavoura, na posse de quem ficará o 3.º exemplar.

§ 3.º—O pagamento do aluguer do pinhal só se considera aprovado por meio de recibo assinado pelo Proprietário ou autenticado pela sua impressão digital.

O modelo da declaração a que se faz referência no § 1.º encontra-se neste Grémio de Lavoura e pode ser facultada aos interessados e bem assim se prestam esclarecimentos sobre contratos de aluguer de pinhal e de todos os assuntos com elle relacionados.

Sulfato de cobre

Conforme foi antecedido procedeu-se já à distribuição do 1.º contingente de sulfato de cobre para tratamento das vinhas na freguesia de Figueiró dos Vinhos. Nas restantes freguesias do concelho proceder-se-á distribuição dentro de breves dias.

Cada vinicultor receberá desde já 30% da atribuição total e é de admitir que as restantes quantidades possam ser postas à disposição da viticultura em condições susceptíveis de manter a regularidade da distribuição. Dadas, porém, as contingências a que estão sujeitos, nas presentes circunstâncias, tanto os fornecimentos, como os transportes, impõe-se-nos o dever, na previsão duma distribuição irregular do produto, de acautelarmos a viticultura contra as consequências desse facto, avisando-a de que deve economizar ao máximo o sulfato que lhe for vendido e, principalmente, precaver-se das possíveis deficiências da distribuição em épocas oportunas.

Plantação da batata

Transcrevemos a seguir de «Informações Agrícolas» cinco modalidades de adubação para a cultura de batata de regadio.

Entender-se-á que as quantidades de adubos empregados o são por hectare de terreno plantado.

Modalidade A: 1.200 kgs. de Superfosfato 12%, e 500 kgs. de Cloreto Potássio; Modalidade B: 1.200 de Superfosfato 12% e 700 kgs. de nitado de sódio; Modalidade C: 1.000 kgs. de Superfosfato 12%, 400 kgs. de Cloreto de potássio e 500 kgs. de nitrato de sódio; Modalidade D: 1.200 kgs. de Superfosfato 12%, 500 kgs. de Cloreto de potássio e 700 kgs. de nitrato de sódio (sendo o nitrato de sódio

O filósofo J. Stahl, dizia que a Providência havia colocado sabiamente no termo de todas as alegrias deste mundo, por pouco illegitimas que fossem, um dissabôr que lhes serviria de contrapêso.

Essas varinhas mágicas, com que os maestros se servem para dirigir os seus executantes, nem sempre são de madeira.

Há batutas célebres. A que, por exemplo era usada por Meyerbeer, era de prata macissa. A que Mozart usava, era de marfim. A que os milanezes ofereceram a Verdi, por ocasião das primeiras representações da opera Aida, era também de marfim, com o nome da opera em rubis e o nome do notável compositor em pedras preciosas.

Marcos Portugal, célebre compositor português, usava a quando das primeiras representações ou execuções de obras suas, uma batuta de prata com incrustações de marfim.

Camilo C. Branco, dizia que ninguém sente em si o peso do amor que inspira e não com parto.

Nas máximas de afeições, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não pode achar no amor diversão das penas, nem soldar o último fio que se está partindo.

O orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que fôr, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos em nossa consciência.

O Artista, é algo mais do que pensam aquêles que fazem critica da sua Arte, e por isso V. de Villas, dizia: a Arte é a mais poderosa das voluptuosidades cerebraes, onde se combinam extranhamente, as febres da Beleza e da Morte, fundindo-se numa só. O Artista, é sempre um sonhador que algo deixa para a humanidade se deleitar.

Um artigo do investigador alemão prof. H. Bohnenkamp sobre os sintomas patológicos do gripe.

A gripe, doença epidémica, geralmente associada a uma forte constipação, era, segundo parece, já conhecida pelos físicos da Antiguidade. Hipócrates descreveu uma doença que agrasenta grande semelhança com a gripe.

As grandes epidemias, que grassaram nos exercitos durante e depois das guerras e nos são relatadas pelos historiadores daqueles tempos, devem ter sido uma espécie de gripe. A propósito dum vaga de epidemia, que, em 1887 vinda da Itália do Norte, assolou quasi toda a Europa Central, sabe-se ao certo que se tratava duma «gripe». Dai em diante a Europa tem sofrido epidemias semelhantes, em todos os séculos.

Ogamos o que diz um célebre médico e investigador alemão, o professor H. Bohnenkamp, sobre os sintomas patológicos da gripe. Ele escreveu na «Deutsche Medizinische Wochenschriften», n.º 37 e 38, de 1913.

Compreendemos sob a denominação de «gripe», uma doença infecciosa aguda, que se manifesta, no seu estado inicial, por subida de temperatura repentina, sintomas gerais bastante pronunciados, como por exemplo, grande prostração, dores nas articulações e nas costas, etc. Geralmente, este estado geral é acompanhado de sintomas catarrais das vias respiratorias superiores. Investigações científicas demonstraram que o periodo de incubação dura entre 18 horas e 4 dias. Os arrepios de frio são, geralmente, os primeiros sintomas e a temperatura sobe a 38,5 ou 39,5 graus. Raramente vai até 40 graus. O estado febril dura 2 a 3 dias. Em seguida, a temperatura volta à normalidade. O doente sente-se mal, queixa-se de dores musculares, sobretudo nas costas e tem sensações dolorosas na cavidade orbital.

O articulista continua. Durante muito tempo confundiam-se a gripe com a gripe. Porém, hoje, distinguem-se bem essas duas doenças. Os sintomas patológicos são, realmente, parecidos. A «influenza», é uma constipação de tipo infeccioso, mas a doença nunca toma o aspecto duma epidemia, como acontece com a gripe. Ultimamente, conseguiu-se descobrir o virus da gripe, que se tornou visível através do ultra-microscópico. A forma epidémica da doença corresponde às características da sua propagação. Um exemplo flagrante foi a terrível epidemia depois da Grande Guerra, entre 1918 e 1920.

A descoberta do agente constitui um grande progresso nas ciências médicas. É obvio pensar que, em breve, se obterão meios profiláticos, a fim de evitar, para o futuro, as grandes epidemias.

R. N.

Pedido de casamento

Por informações chegadas até nós, muito nos apraz noticiar, o pedido de casamento que foi feito, da menina Maria Júlia Ferreira Mercês, gentil filha do abastado proprietário nesta Vila sr. Augusto Lopes Mercês e de sua ex-mã esposa sr.a D. Maria Augusta Ferreira, para o sr. Carlos Alberto de Almada Lacerda, digno funcionário da Secção de Finanças neste concelho.

DESPEDIDA

Enrico Fernandes de Mesquita, tendo sido chamado, ao cumprimento de serviço militar, vem por esta forma apresentar a todos os figueiroenses, as suas despedidas e oferecendo os seus préstimos na cidade de Castelo Branco—Regimento Cavalaria 8.

AVISO

Conforme estabelece o artigo 6.º e seus § 1.º e 2.º do Decreto-Lei n.º 30.710, avisam-se todos os interessados de que não devem continuar a trazer ao seu serviço pessoal que não seja sócio desta Casa do Povo ou, que o sendo, não mostrem estar em dia com as suas quotas.

Pela falta de observância do exposto ficar responsáveis, por tal pagamento, os que ao seu serviço continuem a trazer pessoas naquelas circunstâncias.

Secretaria da Casa do Povo de Figueiró dos Vinhos, 18 de Abril de 1944.

A DIRECÇÃO

Importante julgamento

por agressão

Em 13 do corrente, responderam no Tribunal desta Comarca, acusados do crime de ofensas corporais voluntárias, João dos Santos, solteiro, pedreiro e Joaquim Quaresma, casado e agricultor.

Ambos residiam no lugar da Ervideira, e a causa que originou o julgamento foi motivada por terem agredido Francisco da Silva, casado, negociante de madeiras lenhas e faxineiro, residente no lugar do Bairão, desta freguesia e concelho.

O julgamento foi exaustivo para os dignos magistrados, pois era elevado o número de testemunhas a inquirir e dado o interesse que despertou no nosso meio, durou umas 15 horas, tendo terminado às 8,30 do dia 14.

Os reus foram condenados em 60 dias de prisão, r.míveis a 10\$00 por dia, multa de 20 dias a 1\$00 por dia, 500\$00 de imposto de justiça, 1.000\$00 de procuradoria e 3.000\$00 indemnização ao ofendido.

Mendonça Caleiras

Mélico - Veterinário

Clinica geral

operações e vacinações
Sub-delegado da J. N. P. P. em Figueiró dos Vinhos

ARTES GRÁFICAS

Índice de cultura

Conjunto de Artes—de que são artes maiores a Tipografia, a Litografia, a Gravura e a Encadernação—admirável florescência da Arte Negra—não é demais atribuir-lhe a categoria de índice de cultura de um povo.

Na arrumação de valores a que se vem procedendo ao impulso de uma acção que, entre nós — pecha antiga—tem que esperar a iniciativa do estado, as Artes Gráficas—artes industriais—não lograram ainda merecer aquela atenção que a sua influência cultural, de vasta projecção, e o próprio valor económico que representam, justificariam. Merece, portanto, referência de aplauso a decisão, há meses tomada pelo L. N. T. P., nomeando uma comissão encarregada de elaborar um projecto de Regulamento Económico para a Indústria Gráfica, medida justificada, segundo os dizeres do próprio despacho, pelo facto de que «chegou ao conhecimento do Governo a concorrência desregulada que as oficinas gráficas fazem entre si, em prejuízo manifesto dos trabalhos da especialidade».

A comissão nomeada por aquêl despacho é constituída pelo dr. Guilherme Braz Medeiros, Assistente do I. N. T. P., que a ela preside, e pelos industriais Francisco Madeira Méga, Francisco Joaquim das Neves, Justino Luiz Gonzaga e Alfredo Saraiva Faria, os dois últimos do Porto e de Coimbra, respectivamente, e entregou há poucas semanas o seu trabalho.

É justo reconhecer que aquela Comissão se houve por forma a corresponder ao honroso e importante encargo que lhe foi cometido, pois o trabalho que elaborou e que temos presente, revela aturado estudo, perfeito conhecimento das condições actuais da Indústria Gráfica e seus problemas e uma escrupulosa preocupação de integrar os legítimos interesses desta importante actividade no quadro dos superiores interesses nacionais e da Organização Corporativa.

Diz-se no relatório do referido projecto, com impressionante clareza:

«Na realidade, o confronto da produção gráfica nacional com a de vários países estrangeiros coloca-nos em posição de nítida inferioridade, que algumas excepções, dignas de relevo, não conseguem destruir. A inferioridade aludida resulta, afinal e principalmente, da precária organização económica da indústria».

E, mais adiante:

«Atende-se na modestia gráfica da maioria do nosso livro, das revistas e publicações, dos nossos impressos de propaganda turística e de publicidade em geral, em confronto com as produções similares estrangeiras, e compreende-se assim a razão porque muito trabalho gráfico era, antes do actual conflito, importado e pago a elevados preços pelas entidades interessadas. Tal importação não foi anulada totalmente pela anormalização da situação internacional, o que permite fazer ideia dos riscos de concorrência que correrá a indústria gráfica nacional uma vez terminada a actual conflagração.»

Noutro passo, lê-se ainda:

«É justo fazer referência às qualidades profissionais dos nossos operários, apesar da deficiente preparação da maioria. O mau apetrechamento de muitas oficinas não permite a queles aperfeiçoar as suas qualidades naturais, sendo também um estímulo material que as

entidades patronais podem conceder aos melhores, sujeitas como têm estado às exigências de uma concorrência desreguladíssima. Condição essencial do progresso das artes gráficas, o problema da selecção e aperfeiçoamento dos seus profissionais é, portanto, também um problema dependente de soluções de ordem económica».

Vale a pena transcrever também a justificação da necessidade de protecção à Indústria Gráfica que se contém nos períodos que seguem:

«A necessidade de protecção à indústria gráfica, sob o ponto de vista económico, justifica-se, bastando dizer que existem no País cerca de 650 oficinas das diferentes modalidades integradas no Grémio Nacional dos Industriais Gráficos, nas quais estão invertidos capitais superiores a 200 mil contos, dando ocupação a mais de 10.000 operários. A defeza deste património da Nação é digna dos cuidados dos poderes que têm por alta missão conservar intactas as nossas riquezas e valorizá-las, dentro do agregado económico nacional».

«Verifica-se que uma grande parte da indústria produz a tão baixo preço, que vê desaparecer o capital, sem possibilidades de renovação do seu apetrechamento — necessária para a inulizção progressiva — dada a impossibilidade de constituir as indispensáveis reservas».

Reconhecendo como principais causas da crise desta indústria o seu excessivo apetrechamento em relação às necessidades do meio, a excessiva pulverização, a rudimentar utensilagem técnica e deficiência de acção de muitas entidades industriais, propõem-se algumas medidas, dignas de cuidada apreciação. Prestando aos benefícios da lei do condicionamento industrial, de 17 de Maio de 1937, que limitou a instalação de máquinas para a indústria tipográfica, reconhece-se a necessidade de tornar extensivas às restantes especialidades da indústria gráfica medidas de condicionamento adequadas.

Avulta entre essas medidas, a proposta da adopção do principio da aquisição ao Grémio respectivo, por parte dos organismos integrados no sistema corporativo e entidades oficiais, dos trabalhos que não sejam obrigatoriamente destinados à Imprensa Nacional ou que esta não possa executar. E a sua distribuição, em normas que se esboçam, é cometida a Comissão de Orientação Económica da Indústria Gráfica, de nomeação do Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, incluindo um Delegado do Governo.

Procura-se também neutralizar a acção nefasta dos comerciantes de trabalhos gráficos, elementos de exploração dos industriais em pior situação económica.

Com vista à melhoria gradual do apetrechamento industrial, cria-se ainda a Comissão de Vistorias de Maquinismos, cujas atribuições se definem por forma muito criteriosa e estabelecem-se preceitos para a transmissão de maquinismos.

Porque o assunto tem para nós, homens de Imprensa, um interesse directo, formulamos também os nossos votos de que o trabalho em estudo tenha o seguimento merecido por parte das entidades oficiais competentes.

Do Diário Popular

Publicidade **Agência Técnica de Publicidade** D e corações
 Imprensa **e Representações, Limitada** =
 Artística **Travessa do Cotovêlo, 10, 1.º** Ca m panhas
 Sonora **(à R. do Arsenal) — LISBOA** publicitárias
 Ra diofónica **Agente e Correspondente em** =
 Cinemato- **Figueiró dos Vinhos** Propaganda
 gráfica **R. Morais Franco** e
 = **de divulgação**
 Cartazes **de produtos**
 Ma que tes **Representações**

Anselmo Alves Tomaz Agria
COMERCIANTE
 Fazendas, tintas e seus derivados
 Vidraça
 Praça José Malhóa
Figueiró dos Vinhos

Manuel L. Gomes dos Santos
 Relojoaria e Ourivesaria
 Grande sortido de objectos
 de ouro e prata
 Encarrega se de todos
 os concertos
Figueiró dos Vinhos

Espancamento bárbaro

No dia 16 do corrente mês, pelas 20 horas, na estrada Nacional, em frente do lugar de Almofala de Baixo, foi encontrado deitado e bastante ferido um indivíduo de nome António de Matos, de 41 anos de idade, sem residência fixa, natural da freguesia de S. Julião do Calendário, concelho de Vila Nova de Famalicão, o qual acompanhava um rapaz cego que vive de esmolas.

O referido agredido foi conduzido a esta vila para o que muito concorreu um indivíduo de nome Joaquim Duarte Chança natural do concelho de Moimenta da Beira e que por um feliz acaso passou no local onde se encontrava o ferido juntamente com o cego.

Com o ferido veio também um outro indivíduo que se encontrava ali perto escondido e que foi descoberto pelo já aludido Joaquim Duarte Chança, o qual era portador de uma forquilha sendo com esta ferramenta que produziu os ferimentos ao agredido. Na Câmara Municipal onde se procedeu às necessárias investigações, apurou-se que o agressor foi aquêl indivíduo que goza de má reputação, de nome João Rosa, de 48 anos de idade, casado, jornalista, residente em Ponte Cabreira, da freguesia de Aguda, tendo antes sido preso e mais tarde confessado o crime em auto de declarações.

Falecimentos

Em 11 de Abril corrente, faleceu em Chãos de Baixo, o sr. Lamek Batista, casado, de 88 anos de idade e irmão do nosso amigo sr. Sebastião Batista, de Chãos de Cima, e tio do nosso estimável assinante Alvaro de Jesus Batista, que se encontra na Beira—Africa—Oriental.

—Na passada semana realizou-se o funeral do sr. Ilisio Mendes, casado, de 81 anos de idade, cantoneiro aposentado das obras públicas, e antigo executante da extinta filarmónica Figueirense.

A's famílias enlutadas apresenta «A Regeneração» sentidas condolências.

Domingos Duarte
 Médico da Casa do Povo
 Figueiró dos Vinhos

Consultório Dentário
 DE
A. Martins Nunes
 às quartas-feiras das 10
 às 17 horas — em Figueiró
 Praça José Malhóa
 Consultório em **Coimbra**
 R. Ferreira Borges n.º 8

Vende-se
 Grande propriedade toda murada no melhor local da Marinha.
 Diz Joaquim Mendes
 Graça

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

Concessionário: **Mannel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede—**FIGUEIRO DOS VINHOS**—Telefone 5

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras

Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa: **AUTO-LYZ—R. da Palma—Tel. 3133**

Gustavo Coelho Godet

MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,
 FAZENDAS DE LA E ALGODÃO

Complete sortido para enxovais de casamento; chales,
 lenços de seda e de lã

ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODAO E LÃS EM FIO

Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades

Preços fixos sem competência

Figueiró dos Vinhos

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da

Armazém
 de
 Lanifícios

Figueiró dos Vinhos

Impressões de Coimbra

Ao descer à baixa coimbrã sigo por vezes trajectos diferentes para não monotonizar o percurso que é sempre difficil dado o impróprio calcetamento da via pública de tôdas as ruas a essa baixa convergentes.

Quando percorro a rua de Sub-Ripas instintivamente faço uma pausa forçada ao deparar com o solar onde viveram António Nobre e Alberto de Oliveira, dois poetas da moderna geração, solar êsse de memorável antiguidade e que foi crismado com o nome de Torre d'Anto, em homenagem ao saudoso vate do «Só» cujo busto se ostenta em modesta colunata num dos recantos belos do Penêdo da Saudade. Essa Torre d'Anto de construção austera domina a perspectiva do Mondego, o rio próprio a inspirar as sensibilidades mais contemplativas e os devaneios ancestrais da veia poetica dos seres privilegiados. Por isso a escolheu e bem António Nobre para a sua habitação e oficina dos seus versos deirados que nos dominam soberanamente quando os lêmcs.

Uma janela quadrada, duas janelas ogivais, uma fresta, um pequeno lanço de muralha, umas telhas à romana e na parede uma placa de mármore...

Eis tôda a simbólica arquitectura dessa quadrada Torre d'Anto que nos evoca à memória êsse vulto de gigante poético a-pesar-de infeliz e nostálgico que foi o seu primeiro habitante. Habitou-a ainda depois Alberto de Oliveira que de fina sensibilidade dotado escreveu:

«Na velha torre de ogivais janelas E as águas do Mondego sonhadoras Inquietam-se ao luar como se fôras Tua incrível dôr chorar com elas».

Ficaram nestas palavras bem defenidos traços doloridos da vida de António Nobre que Alberto de Oliveira soube compreender e sentir como a nós não é possível compreender e sentir visto não termos sentimento para isso dotado. Só um poeta seria capaz de compreender o sofrimento de outro porquanto irmãos gémeos duma vida sonhadora e mais bela só eles comungam um mesmo ideal de perfeição, de contextura bem diferente do de todos os outros mortais que vegetam na terra e que não sabem sonhar e até muitas vezes não sabem sentir...

Coimbra, Abril de 1944.

Narciso Loureiro

CASAMENTO

Na Igreja de Santa Cruz em Coimbra, realizou-se no passado dia 9, domingo de Páscoa, o casamento da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Amélia da Piedade Nunes, filha da Ex.^{ma} Sr.^a D. Conceição da Piedade Nunes e do Ex.^{mo} Sr. António Martins Nunes, com o Ex.^{mo} Dr. Amândio dos Santos Cruz, Delegado do Procurador da República na comarca de Estarreja, filho da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Loureiro Cruz e do Sr. Augusto Cruz, proprietários de Cantanhede.

Apadrinharam o acto por parte da noiva a Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurora da Silva Frota e seu marido Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Maria Frota, médico odontologista na Cidade de Coimbra e pela do noivo a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sara dos Santos Cruz e seu marido Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Simões da Cruz, médico em Covões de Cantanhede.

Após a cerimonia religiosa foi servido em casa dos pais da noiva um abundante e fino copo de água. Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o norte do País.

Assistiram ao acto, além de outras pessoas o Sr. Dr. Mário de Vasconcelos, ilustre Governador Civil do distrito de Leiria, Dr. Manuel Bela e esposa, Dr. José António da Silva Girão e esposa, Dr. Augusto António dos Santos e esposa, Sr. Manuel Ferreira, esposa e Filho, Sr. Luciano Marques dos Santos e esposa, Sr. Amândio Gomes Cabral e esposa, Sr. José Manuel Godinho e sua Neta.

Aos noivos apresenta «A Regeneração» o desejo das maiores venturas, felicitando ao mesmo tempo o nosso amigo e conterrâneo Sr. António Martins Nunes e sua esposa.

A nossa Carteira

Visitas

Tivemos o prazer de cumprimentar na sua passagem por esta vila, o sr. Prof. Joaquim Lourenço de Campos, de Alge; e o sr. Artur Curado, industrial e proprietário em Chimpeles; os srs. José Gonçalves Ramos Júnior, de Arega e António Simões, Brunnal—Arega.

Festas e romarias

Bom Jesus da Sobreira — E' no próximo dia 18 de Maio (Quinta Feira de Ascensão do Senhor) que com o tradicional costume, se realiza esta festividade.

Santo António das Bairradas — No Domingo, 11 de Junho dia do apóstulo S. Bernabé, terá realização esta festividade, uma das mais características da região.

S. Pedro — Em 2 de Julho próximo, serão realizados festejos em honra de S. Pedro, na vizinha freguesia de Aguda—Almofala de Baixo.

S. João — Em 9 de Julho, com os usos do costume, realizam-se os festejos em Foz de Alge, em honra de S. João.

Sagrado Coração de Jesus — No dia 15 de Julho—sábado, terá lugar em Campêlo, esta tradicionalíssima festa, que havia sido anunciada para 21 de Maio.

Estas festividades serão abrilhantadas pela Banda Municipal de Figueiró dos Vinhos, que está sob a regência do maestro Sr. B. Morais Franco.

Amor divino

*Eu amo Deus no artista creador
Dos sóis, que lá dos páramos alados
Dos encantos da Terra namorados,
Lhe enviam madrigais de luz e côr.*

*Amo-o no aroma fino duma flôr,
Na esmeraldina vastidão dos prados
E nas aves que cantam nos silvados
As liricas canções do seu amôr...*

*Amo-o no azul do céu, no mar profundo
E em tudo quanto existe pelo Mundo
Desde uma estrêla à mais humilde rês...*

*Mas amo-o sobre tudo, Amor, em ti,
Porque o teu vulto olimpico de huri
E' a mais formosa obra que Deus fez!*

A. dos Reis

O problema do pão

Foi há pouco anunciado que se ia fazer o racionamento do pão. Tal medida, se bem que exija de todos nós apreciáveis sacrificios, deve ser recebida com agrado e inteiro aplauso.

Dada a escassez assustadora das últimas colheitas e a falta de transportes suficientes para trazer de fora do país as grandes quantidades de cereais que nos faltam, não havia outro caminho a seguir.

Racionar significa distribuir equitativamente aquilo de que se dispõe, evitando que o desigual poder de compra favoreça os mais abastados e prejudique os que possuem menores recursos. Sem racionamento, as escassas reservas existentes escoar-se-iam rapidamente e em breve ficaríamos à mercê das contingências dos transportes de além mar. E tempos viriam em que nos lares portugueses não existiria um grama do precioso alimento.

Cumpria pois ao Governo agir no sentido de que a cada lar se garantisse um mínimo de pão, nivelando as desigualdades do poder de compra e providenciando para que as escassas reservas se não esgotassem na voragem de uma imprevidência que seria criminosa.

Mais vale pouco, mas sempre garantido, do que muito por alguns dias e semanas e nada durante meses. E' preciso que todos saibamos compreender os motivos imperiosos que levaram a tal decisão e dêmos ao Governo aquêlo apoio moral e aquêlo aplauso que a sua atitude nos merece.

E' certo que a medida agora tomada vai de encontro a muitos comodismos existentes, mas a hora não é para desperdícios nem para imprevidências. As realidades são estas: temos pouco cereal panificável e temos que condicionar o consumo do pão de maneira a que êle nunca venha a faltar por completo. Temos portanto de aplaudir essa medida previdente e fazer tudo que em nossas forças caiba para que o sentimento de justiça que ditou a medida governamental não seja deturpado.

Nunca os povos precisaram de mais união e disciplina do que no momento actual. Disciplina nas almas, disciplina no acatamento das medidas que se tornou necessário tomar. Só assim se poderá garantir a cada um, e equitativamente, o mínimo indispensável. Só assim a Nação poderá olhar confiadamente

Imprensa

Com grande jubilo recebemos a visita do nosso colega *A Voz da Serra*, jornal republicano e Herminista, «Pro terra Nostra» que sob a direcção do sr. Luiz Ferreira Matias, se publica na vila de Ceia. Agradecemos e vamos permutar.

Diário da Manhã, êste nosso presado colega de Lisboa, comemorou mais um aniversário.

Tem por director o ilustre escritor e jornalista Sr. Dr. Manuel Múrias.

Diário de Lisboa, êste importante vespertino da capital, festejou há dias mais um aniversário.

E' seu director o bem conhecido e ilustre escritor Sr. Joaquim Manso.

Aos nossos colegas, desejamos-lhes longa vida e muitas prosperidades.

Vilas de Pedro

Por ocasião das festividades que aqui se realizaram em honra de Nossa Senhora do Pranto, tivemos ocasião de notar a presença à aludida festa, dos nossos amigos e estimáveis assinantes srs. Albano Abreu, António dos Santos David, António Simões Cercas, António Simões da Silva, João Alves Pereira, Franklin dos Santos, João dos Santos, Augusto Antunes, Alvaro Loja da Conceição, Sesinando da Conceição Loja e João Morais Rosa.

Pagamento de assinaturas

A fim de fazerem o pagamento de assinaturas, estiveram na nossa redacção, os nossos estimáveis amigos:

Joaquim Ferreira, Pêra
João Dias Graça, Fonte do Velho
Sebastião Baptista, Chãos de Cima
Joaquim Fernandes M^o Pequena
Manuel Ferreira, Braçais, Arega
Manuel Gomes Furtado, Cabaços
José Inácio Borges, Braçais.
Manuel Rodrigues, Aldeia da Cruz.

para o futuro o seguir o seu trabalho de cada dia.

E' esta a lição que devemos tirar das medidas de racionamento de pão que o Governo vai impôr ao país.

H. T.

Sabedoria do Povo

Não te glories pelo dia de amanhã, não sabendo que coisa dará de si o dia seguinte.

Perde-se muito mais por falar, do que por estar calado.

Seja outro o que te louve, e não a tua boca.

Fome e esperar, fazem rabiar.

Não te alegres quando cair o teu inimigo, nem o teu coração se regosije com a sua ruina.

De todos desconfia o coração culpado.

Quem tem dinheiro, tem graça e amigos.

Tudo que hoje existe procedeu do que passou.

Não impeças que faça bem aquêle que pode; se podes, faze-o tu mesmo também.

Cada um gosa a paz que o seu vizinho quer.

O amor pede e a amizade dá.

Chama à sabedoria, tua irmã, e à prudência tua amiga.

Em tôda a parte está o juizo.

As obras mostram quem cada um é.

Copilação de...

Sonoro Filme de Lisboa

Na noite de 13 do corrente mês, esta firma deu-nos o prazer de apreciarmos o filme *Eram Cinco Hercis*, em que, como principais protagonistas da *United Artists*, figuravam Gene Tierney, George Sanders e Bruce Cabot.

O filme foi de emocionante grandeza e agradou.

Um dia em Nova York — foi esplêndido, mas bom seria que entre essas interessantes imagens de prédios de beleza architectónica, as legendas algo mais se referissem, pondo em destaque a arquitectura Americana com a arquitectura Alemã, que outro fim não têm essas apresentações, senão o que nos apraz aludir.

Paraquedistas — versou sobre as actualidades inglêzas de guerra; mostrou-nos a complexidade de conhecimentos precisos, e treinos especiais para se ser paraquedista e o exemplar ensino que é ministrado nas escolas práticas de aviação inglêza sobre a direcção dos competentíssimos oficiais.

Apezar dos filmes agradarem, lamentamos a falta de música quer no decorrer dos filmes, quer nos intervalos, pois houve momentos de monotonia.

Fr.

Vende-se

Uma carroça e arreios em muito bom estado; uma mula e um par de rodas novas próprias para Galéra ou carroça.

Quem pretender, dirija-se a Justino Mendes Medeiros — Figueiró dos Vinhos.

Ninguém